

PLANO DE AULA

Aula: Revolução do Haiti (“SEMANA DO HAITI”)

| |
|--|
| Disciplina: História |
| Ano: 8º Ano do Ensino Fundamental II |
| Duração: Cinco dias consecutivos, de forma que uma única atividade (com duração média de 1 a 2 horas) seja ministrada por dia. |
| Professores: Alberto do Nascimento Neto Brenda de Freitas de Figueiredo Helena Jablonski Herson Isabela Orichio Mello Appel Julia Teixeira da Silva |

O plano de aula se desenvolve por um conjunto de aulas que envolve a disciplina de História para os estudantes do oitavo ano do Ensino Fundamental II. O presente plano tem como objetivo colocar a Revolução do Haiti em destaque, já que este tema vem sendo muito trabalhado como um reflexo, consequência e desencadeamento da Revolução Francesa e do Império Napoleônico, não tendo o protagonismo que merece. Pensando essa revolução por um caráter negro e ex-escravo que conquistou sua própria independência, colocando de lado os destaques eurocêtricos e os apagamentos contidos neste material observado. É necessário colocar em destaque as influências revolucionárias que marcaram o continente, suas independências e as relações coloniais do mundo, que transformaram as configurações globais, protagonizadas por ex-escravos da colônia de São Domingos. Não se deve mencionar a Revolução Haitiana como mero resultado de decisões e acontecimentos que ocorreram na metrópole francesa, isso acaba por silenciar e desmerecer a resistência negra e latina do continente. É preciso destacar o surgimento do homem politizado que foi capaz de se libertar da colonização europeia que estava presente em seu território nacional desde o século XV.

Portanto, para priorizar a Revolução do Haiti, tendo a importância que essa temática tem, a ideia de proposta pedagógica é a "Semana do Haiti". Uma sucessão de atividades diversas, as quais visam apresentar e valorizar o papel da Revolução Haitiana na história e na configuração geopolítica da América Latina para os alunos, trabalhando o tema com abordagens variadas.

ATIVIDADES:

1. **Aula introdutória** - O que foi a Revolução do Haiti? Figuras centrais, origens, processos, pontos principais e consequências.

a. Objetivos

- Apresentar o Haiti, localizando o país geograficamente, apresentando dados demográficos, etc.
- Fazer um panorama histórico “geral”. O intuito, neste ponto, é explicar o passado colonial do Haiti e os fatores fundamentais para a origem do ideal revolucionário.
- Explicar quais foram as figuras centrais e os principais eventos marcados na revolução, os quais foram deixados de lado ou pouco explorados pelo material didático. Uma vez que os alunos já tenham conhecimento sobre a Revolução Francesa, é interessante realizar paralelos, mas sempre no intuito de desconstruir essa relação “consequencial” proposta entre ambos os temas.
- Uma vez que os tópicos anteriores tenham sido devidamente trabalhados, a parte final da aula trata-se de uma introdução aos reflexos da Revolução do Haiti ao redor do mundo e quais os seus legados, inclusive, instigando os alunos à reflexão.

2. **Uso de audiovisual, como forma de materializar o objeto de estudo em questão -**
(Toussaint Louverture)

a. Ficha Técnica do Filme

- Título: Toussaint Louverture
- Ano de produção: 2012
- Direção: Philippe Niang
- Duração: 180m
- Classificação: Não recomendado para menores de 14 anos
- Gênero: Biografia, drama, História
- Países de Origem: Estados Unidos e Venezuela.
- Sinopses:

1. Épico de ação histórico baseado na vida de Toussaint Louverture, que liderou uma rebelião de escravos de sucesso no século 18, que provocou a Revolução Haitiana. In: (<https://filmow.com/toussaint-louverture-t84805/ficha-tecnica/>)

2. Em 7 de abril de 1803, morre em um calabouço na França aquele que se fazia chamar de “primeiro dos negros”. Este filme reconstitui a trajetória desse homem excepcional, autor da primeira declaração da independência de uma colônia. Por trás desta figura lendária encontramos a história exemplar e trágica do Haiti. É também uma história de escravidão na França, um fenômeno considerável e, entretanto, mal conhecido. In: (<https://www.cinefrance.com.br/acervo/toussaint-louverture-haiti-e-a-franca-2005>)

b. Apresentação da Figura Central da obra:

- Toussaint L’Ouverture - Quem foi/seu papel na revolução. Rev. Haiti (22 de ago. de 1791 – 1 de jan. de 1804)

1. **François-Dominique Toussaint L’Ouverture** (batizado em 20 de maio de 1743 — 7 de abril de 1803, Forte de Joux, La Cluse-et-Mijoux, Doubs) foi o maior líder da Revolução Haitiana e, em seguida, governador de Saint Domingue, o nome do Haiti na época. L’Ouverture é considerado por muitos o maior revolucionário negro das Américas. Dotado de conhecimentos estratégicos e um carisma inigualável, ele foi responsável pela organização de mais de meio milhão de escravizados insurgentes ao processo revolucionário. Mesmo após sua morte, seu legado continuou e serviu como combustível para a construção de uma nova nação.

3. Oficina de Leitura - O Reino Deste Mundo (Alejandro Carpentier)

a. Apresentação do autor e da proposta do livro.

→ Novelistas, ensaísta e músico cubano, Alejandro Carpentier - em “O Reino Deste Mundo” - recria uma série de acontecimentos ao longo do processo de independência haitiana, abrangendo desde os eventos que a precederam até o pleno período republicano. Ele detalha o movimento de transição do que, até final do séc XIX, era uma colônia francesa governada por brancos para uma nação negra regida pelo primeiro monarca coroado no “Novo Mundo”. Alejo, obviamente “estimulado” pelo caráter inédito da história original, demonstra um incrível domínio de recursos narrativos, recriando um universo fantástico e mítico. Esta

combinação, inclusive, é o que dá origem ao posteriormente denominado Real Maravilhoso ou Realismo Mágico.

b. Leitura coletiva do Capítulo “O GRANDE PACTO”

O GRANDE PACTO

Os trovões pareciam romper-se numa avalanche sobre os penhascos do Morne Rouge, rolando prolongadamente pelo fundo dos barrancos, quando os representantes dos escravos da Planície do Norte alcançaram a mata cerrada do Bois Caïman, sujos de lodo até a cintura, trêmulos sob as camisas encharcadas. E para cúmulo, aquela chuva de agosto, que passava de tibia a fria conforme mudava o vento, aumentava cada vez mais desde que soara o toque de recolher para os escravos. Com as calças coladas na virilha, Ti Noel cuidava de cobrir a cabeça embaixo de um saco de juta dobrado em forma de capuz. Apesar da escuridão, era garantido que nenhum espião tivesse penetrado na reunião. O aviso havia sido dado à última hora por homens de confiança. Embora se falasse em voz baixa, o rumor da conversação enchia todo o bosque, confundindo-se com o constante chiado do aguaceiro caindo na folhagem das árvores.

Súbito, uma voz potente alçou-se no meio daquele congresso de sombras. Uma voz, cuja faculdade de passar sem transição do registro grave ao agudo, dava uma estranha ênfase às palavras. Havia muito de evocação e de salmos naquele discurso cheio de gritos e de inflexões coléricas. Era Bouckman, o jamaicano, quem falava dessa maneira. Embora o trovão ensurdescesse frases inteiras, Ti Noel acreditou entender que algo havia ocorrido na França, e que uns senhores muito influentes haviam declarado que se devia dar liberdade aos negros. Os ricos proprietários do Cabo, porém, que eram uns monarquistas filhos da puta, negavam-se a obedecer. Chegando nesse ponto, Bouckman deixou cair a chuva sobre as árvores durante alguns segundos, como para esperar por um raio que se lançara no mar. Então, passado o ruído do trovão, declarou que um Pacto havia sido selado entre os iniciados daqui e os grandes Loas da África, para que a guerra fosse iniciada sob os signos propícios. E das aclamações que agora retumbavam em torno brotou a admoção final:

— O Deus dos brancos ordena o crime. Nossos deuses pedem vingança. Eles guiarão nossos braços e nos darão ajuda. Rebentem a imagem do Deus dos Brancos, que tem sede das nossas lágrimas; escutemos dentro de nós mesmos o apelo da liberdade!

Os delegados tinham esquecido a chuva que lhes escorria pela barba até o ventre, endurecendo o couro dos cinturões. Estourou um alarido em meio à tormenta. Junto a Bouckman, uma negra ossuda, de longos membros, dançava fazendo gestos circulares com um facão ritual:

Fai Ogún, Fai Ogún, Fai Ogún, oh!
Damballah m'ap tiré canon!
Fai Ogún, Fai Ogún, Fai Ogún, oh!
Damballah m'ap tiré canon!

Ogum das armas, Ogum guerreiro, Ogum das forjas, Ogum Marechal, Ogum das lanças, Ogum-Xangô, Ogum-Kankanikã, Ogum-Batala, Ogum-Panamá, Ogum-Bakulê, eram invocados agora pela sacerdotisa do Rada, em meio ao clamor das sombras:

Ogún Badagri,

General sanglant
Saizi z'orage
Ou scell'orage
Ou fait Kataonn z'eclai?

O facão penetrou subitamente no ventre de um porco negro, que botou para fora, em três urros, as tripas e os pulmões. Então, chamados pelos nomes de seus amos, já que não tinham mais sobrenome, os delegados desfilaram, um a um, para untarem os lábios com o sangue espumoso do porco, recolhido numa enorme tigela de madeira. Em seguida, caíram de bruços sobre o chão molhado. Ti Noel, como os demais, jurou que obedeceria sempre a Bouckman. O jamaicano abraçou então Jean François, Biassou e Jeannot, que não voltariam mais para suas fazendas. O estado-maior da sublevação estava formado. O sinal seria dado oito dias depois. Era muito provável que conseguissem a ajuda dos colonos espanhóis do outro lado da ilha, inimigos irreconciliáveis dos franceses. Tendo em vista que seria necessário redigir uma proclamação, e ninguém sabia escrever, pensou-se na flexível pena de ganso do Abade de La Haye, pároco de Dondón, sacerdote voltariano que dava mostras inequívocas de simpatia pelos negros desde que tinha tido conhecimento da Declaração de Direitos do Homem.

Como a chuva houvesse transbordado os rios, Ti Noel teve de atravessar a nado a garganta verde para chegar na cavalaria antes que o feitor despertasse. O Angelus o surpreendeu ao posto e cantando, enterrado até a cintura num montão de esparto fresco, que cheirava a sol.

c. A partir do capítulo escolhido, será realizado um debate em torno das questões por ele suscitadas:

- O que está sendo retratado no capítulo?
- Quem são os personagens envolvidos? Quais deles são fictícios e quais são históricos?
- De que se trata este evento ocorrido na França? Qual seu impacto na Revolução Haitiana?
- A que se refere o “Grande Pacto”, que nomeia o capítulo?
- Qual o significado dos cânticos presentes nesse capítulo para a Revolução Haitiana e para o texto literário?
- Aponte as semelhanças e as diferenças do processo da Revolução Haitiana desenvolvidos no capítulo escolhido e no livro didático de vocês.

4. Aula sobre legado e reflexos da Revolução - Haitianismo (foco no âmbito nacional)

a. Como a Revolução do Haiti influenciou os demais processos revolucionários ao longo do continente americano, especialmente no Brasil.

• Objetivos:

- Explorar a organização social americana durante o período colonial.
- Distinguir o papel social de brancos e negros na sociedade escravista, observando as limitações impostas pelos primeiros aos segundos.
- Compreender a Revolução do Haiti como marco de subversão da ordem colonial e escravista no continente americano como um todo.
- Introduzir o termo Haitianismo.
- Observar as influências do Haitianismo no contexto colonial, com foco no Brasil (exaltação de Jacques Dessalines no Rio de Janeiro/citar outras revoltas: Conjuração Baiana, Pedrosada, etc..).

5. Palestra sobre o panorama atual do Haiti.

a. Tópicos

- O caso de São Domingos como comparação, explicitando o porquê de nesse caso o que se iniciou com uma revolta ter levado a um processo revolucionário de independência.
- Superação da divisa entre a história da África, América e Ásia com a história da Europa, entendida tradicionalmente como história geral.
- Haiti pela primeira vez aparece na BNCC, mas sem muitos desdobramentos e mais atado à influência da Revolução Francesa, não foi feito o movimento contrário de apresentar a influência da Revolução Haitiana na continuidade do processo revolucionário francês e seus desdobramentos na América.
- Apresentar a Revolução Haitiana, não como uma simples consequência da Revolução Francesa, e sim como um movimento que explanou as contradições da ideologia liberal, divulgada pelo Iluminismo além de ter sido um grande marco na luta contra a escravidão em toda América Latina.

ENCERRAMENTO:

Ao final da última atividade, a Semana do Haiti é encerrada com um momento de roda de conversa. Este é o espaço para que os alunos tragam suas dúvidas, reflexões e façam seus respectivos apontamentos sobre todo o conteúdo trabalhado. O foco deste “feedback” da atividade não é avaliar, mas sim proporcionar aos estudantes um momento confortável para que eles possam, inclusive, debater entre si.

Referências:

- CARPENTIER, Alejo. El reino de este mundo. 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 2012.
- Declaração Haitiana de Independência. In: David Armitage. Declaração de Independência: uma história global. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 159-163.
- FERRER, Ada. A sociedade escravista cubana e a Revolução Haitiana. Almanack. Guarulhos, n.03, p.37-53, 1o semestre de 2012
- FICK, Carolyn. “Para uma (re)definição de liberdade: a Revolução no Haiti e os paradigmas da Liberdade e Igualdade” In: Estudos Afro-Asiáticos, ano 26, n. 2, 2004.
- GATES JR, H.L “Haiti”. In: Os negros na América Latina. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 208-234;
- GENOVESE, E. “As revoltas de escravos em uma perspectiva hemisférica”. In: Da rebelião à revolução: as revoltas de escravos negros nas Américas. São Paulo: Global, 1983, p. 25-62;
- Henry L. Gates Jr. Os negros na América Latina. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, pp. 208-250.
- JAMES, C.L.R. “Os Jacobinos Negros: Toussaint L’ Ouverture e a Revolução de São Domingos ”, BOITEMPO EDITORIAL, São Paulo, 2000.
- MARQUES, L. “Os Jacobinos Negros: Toussaint l’Ouverture e a revolução de São Domingos de C. L. R. James”, Revista Vernáculo, Curitiba, n. 6/7, 2020, p. 140-141;
- SAMPAIO, Claudineide Rodrigues Lima. “O HAITIANISMO NO BRASIL E O MEDO DE UMA ONDA REVOLUCIONÁRIA”. In_____:
<http://www.unicap.br/ocs/index.php/coloquiodehistoria/coloquiodehistoria2016/paper/viewFile/191/13>. Anais do X Colóquio de História da UNICAP/2016 ESCRAVIDÃO, ABOLIÇÃO E PÓS-ABOLIÇÃO ISSN 2176-9060. 2016

